

INSPIRE-C

INSPIRAÇÃO, REFLEXÃO E ÉTICA
CONHECIMENTO E DINAMISMO

EDIÇÃO
NÚMERO

09

ANO 2

MARÇO / ABRIL

2019

**FAKE
NEWS**

A Era da Pós-Verdade

04 Editorial

06 Entre pais e filhos

Por Mainá Santana



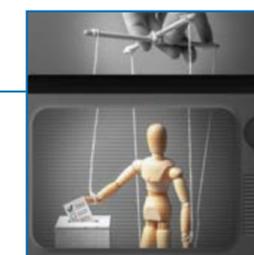
Pós-mentira 10

Juliano Caravela



14 Pelos caminhos da literatura

Entrevista com Milton Hatoum



Pedras, pólvora e acendedores automáticos 20

Gabriela Scardone



24 Dia 2 de Abril - Dia Mundial da Conscientização do Autismo

Fernanda Teixeira e Renata Lobo Catusso



A arte e o trabalhador 28

Culture-c

Arte em Vo-C 34

Vários autores

Amigas e amigos leitores!

A circulação de notícias falsas não é novidade na história do ser humano. Seja por interesse individual ou coletivo, sabemos que a mentira, o boato ou o que hoje chamamos de *fake news* volta e meia aparece. O que mudou são o alcance e a rapidez com que ela chega até as pessoas e a dimensão do estrago que causa.

No começo deste ano, divulgaram informações falsas sobre a vacina contra a febre amarela. Diziam que a vacinação com a dose inteira era perigosa e que a fracionada era fraca. Não pararam por aí! Chegaram a sugerir que tomando própolis o mosquito transmissor seria repellido. Realmente a violência não tem limite. É incrível como algumas pessoas se dão ao trabalho de escolher um tema vital para inventar mentiras, simplesmente por prazer, por pura maldade ou por ignorância. Vai saber o que se passa na cabeça desses indivíduos que põem em prática o que há de pior no ser humano.

A professora e jornalista Pollyana Ferrari, que nos concedeu uma [entrevista](#), dá dicas de como podemos agir para não espalhar as *fake news*. Parecem medidas simples e óbvias, como checar a fonte da notícia, refletir um pouco se aquela informação faz sentido ou não, ou seja, usar o famoso bom senso. É crucial lembrarmos que tudo que mexe com a emoção não é tão simples. Basta receber alguma informação negativa de alguém por quem não nutrimos muito afeto para repassarmos de imediato aquela informação adiante. É a prova que faltava para o nosso *ego* nos confortar: “Sabia que aquele cara era um canalha!”

Mas não é assim que funciona. Independentemente de nossas preferências, simpatias, escolhas etc., nada justifica prejudicar aqueles que não compartilham da mesma visão de mundo. As pessoas falam por si! Um dia a máscara cai e seja lá o que estiverem fazendo, será divulgado. Aqui faço um parêntese que é um paradoxo. O excesso de verdade também é catastrófico. O meu amigo e professor Andrei Venturini Martins escreveu um livro, *A verdade é insuportável*, que descreve situações imaginárias em que as pessoas só fariam a verdade — custe o que custar. Segundo ele, entraríamos em guerra de todos contra todos. Imagine um funcionário falando para o chefe tudo o que pensa sobre ele, um marido infiel narrando todas as suas aventuras à esposa, um religioso confessando todas as suas taras... realmente nada permaneceria em pé.

Além da entrevista da INSPIRE-C sobre *fake news*, também vale a pena conferir no site da BBC Brasil (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47532592>) trechos do seminário *Beyond Fake News* que aconteceu em São Paulo/SP, em 12 de março, no auditório do Centro Brasileiro Britânico. São dicas e depoimentos de especialistas que mostram o estrago que as *fake news* causam, que podem levar à violência física e, em casos extremos, à morte. A matéria também dá dicas sobre o que pode ser feito para que não sejam propagadas. O assunto é muito sério e deve ser uma preocupação constante de todos nós, que vivemos na era da comunicação digital.

Para encerrar, trago mais uma novidade da INSPIRE-C. Nesta e nas

próximas edições, publicaremos matérias especiais sobre datas comemorativas pouco divulgadas, como o dia 2 de abril, que é o [Dia Mundial de Conscientização do Autismo](#). O vídeo está disponível no site da revista e no YouTube. Também faremos matérias especiais sobre as datas já consagradas e que marcam o calendário com feriado — como é o caso de 1º de maio, Dia do Trabalho. A matéria foi escrita pela Mainá Santana e tem como título [A arte e o trabalhador](#).

Espero que curta cada palavra e imagem que criamos para você e que possamos cumprir o nosso papel de entretê-lo(a) e informá-lo(a). E que juntos façamos essa incrível jornada pela humanização.

Forte abraço!

Ronaldo Campos

ronaldo@revistainspirec.com.br



Foto: Olga Vlahou



Foto: Olga Vlahou

Revista INSPIRE-C

Revista Institucional do Espaço Ética — Serviços de Palestras, Ensino, Capacitação e Assessoria Sociedade Empresária Limitada. (www.espacoetica.com.br)

INSPIRE-C é uma publicação bimestral da empresa Espaço Ética direcionada ao mundo corporativo articulando conhecimentos acadêmicos e empresariais, ligados principalmente à ética.

A Revista INSPIRE-C publica múltiplas expressões para cada tema em suas edições bimestrais, valorizando a diversidade de opiniões num espaço democrático. Ela não se responsabiliza pelas opiniões de terceiros e tem a prerrogativa das publicações.

Editor responsável

Ronaldo Assais Ribeiro Campos — ronaldo@revistainspirec.com.br

Sub-editoria de cultura

Mainá Santana — maina@revistainspirec.com.br

Diretores Institucionais

Karina de Andrade Macieira

Clóvis de Barros Filho

Design, Diagramação e Projeto Gráfico

Ana Carolina Ermel de Araujo

Fotos: DepositPhotos.com

Revisão

Hebe Ester Lucas

Mídias Sociais:

Marcella Erédia

Aline Erédia

Assinatura, sugestões e reclamações

ronaldo@revistainspirec.com.br

(11) 3661 7532

Colaboradores

Maria Cristina Poli

Sula Vlashos

Rodrigo Leitão

Comercialização

ronaldo@revistainspirec.com.br

(11) 3661 7532

espaçoética

Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis

Cidade: São Paulo, SP

CEP: 01240-000

Telefone: (11) 3661-7532

Entre pais e filhos

Por Mainá Santana

fake news
história
Império Bizantino
monarquia francesa
Orson Welles
Hora do Brasil
paternidade insalubre

Quando há um acordo tácito de que estamos num campo de mentiras, tudo pode ser inventado, desde que com alguma coerência. Na natureza, na arte e na política, nada se cria, tudo se transforma.

"Na guerra, a primeira vítima é a verdade."

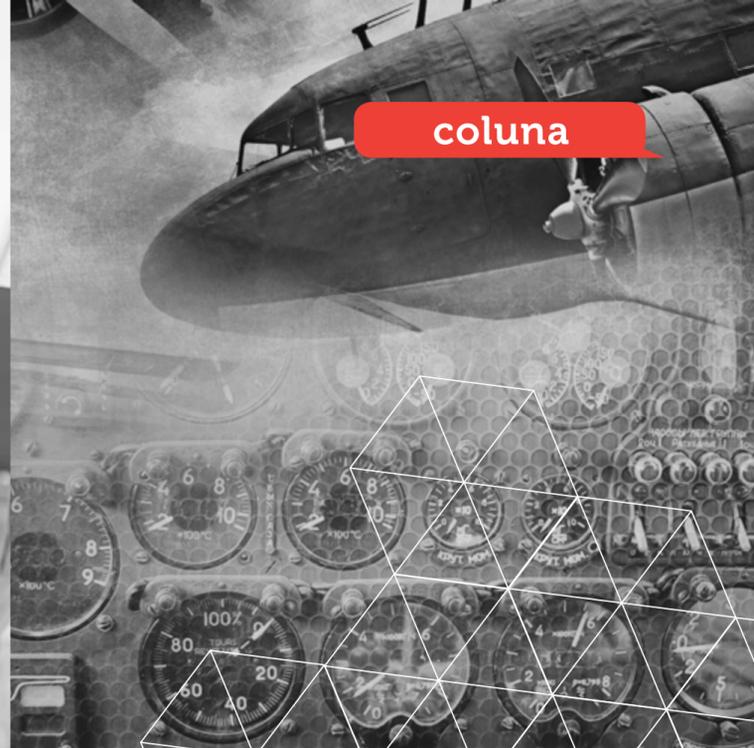
Hiram W. Johnson, Ésquilo ou Caio Fernando de Abreu

Meu pai era um senhor de respeito e longos cabelos brancos. As terras em seu domínio eram longas, a perder de vista, e eu me lembro como se fosse ontem do dia em que sentamos no alto de uma colina a observá-las. "Tudo isso que o sol toca é seu." Respondi com uma pergunta e certo grau de admiração: "Tudo isso?", e ele me confirmou. Seu Justiniano fazia jus ao nome. Um homem justo e íntegro que cuidava com zelo de seus pertences. Seu amigo de longa data, tio Procópio, arranjava as escrituras de aquilo que um dia seria meu.

A relação de carinho com meu pai data de meu nascimento. Vim ao mundo na primavera de 1937, duas horas passadas da finalização do programa *Hora do Brasil*, que meu amado pai não perdia por nada. Disse a minha mãe: "Essa criança sabe data e hora de nascer! Você acredita que os comunistas iam tomar o poder? Mas Getúlio nos salvará dessa catástrofe! Esse bebê veio em comemoração à descoberta do plano. Vai se chamar Cohen". Minha mãe, Maria, também estava radiante com o legado que deixaria para o mundo.

Infelizmente, a alegria do casal causava inveja, especialmente nos empregados. Ainda em tenra infância, minha família passou por um grave problema financeiro e meu pai precisou deixar-nos para fazer outros negócios que sustentassem nosso estilo de vida. Mamãe sofria a ausência de seu amado, mas tentava alegrar-se organizando festas e banquetes para seus familiares e amigos próximos. Era o seu modo de manter-se jovial para a volta de meu pai, rememorando suas tradições austríacas com os parentes. Os empregados e, por que não dizer, a família de seu Justiniano, consideravam isso um ultraje à essência brasileira de todos que moravam ali, alegando passar fome enquanto pessoas de fora se esbaldavam em comidas e bebidas mantidas por dona Maria. Mamãe não era vista como uma boa brasileira aos olhos da família de seu Justiniano e, assim, acabou sendo alvo de uma intriga. Espalhou-se o rumor de que havia dito aos empregados que se não podiam comer pão, deveriam tentar brioques.

Minha mãe então foi assassinada pelos terríveis empregados, que tomaram a casa e me enclausuraram em um dos cômodos. Cortaram-lhe a



cabeça bradando “Bruxa, bruxa!” a plenos pulmões, coisa aprendida com uns empregados novos vindos de Salem (EUA). Tive sorte de logo cair nos braços de papai, que me resgatou e retomou todas as nossas terras. Com a ajuda de tio Procópio de Cesareia, vetor de grandes narrativas naqueles tempos, explicou a todos os envolvidos quanto tinha conquistado terras e dinheiros em seus negócios ao longo do tempo fora do Brasil, inclusive sofrendo uma facada para honrar seus compromissos. Tio Procópio, seu fiel escudeiro, relatava com detalhes de uma testemunha ocular dos ocorridos.

Depois de tantos percalços, nos estabilizamos. Ouvíamos rádio juntos, passeávamos no mato atirando em pássaros e, quando fiquei mais velho, ele me levava a casas da luz vermelha. Vez ou outra, recebíamos telefonemas de parceiros para deixar armamentos ou pessoas no porão, chamávamos colegas para uma pinga ou uma sinuca de bico. Nossas terras se espalhavam Brasil adentro, cada vez mais férteis e cheias de gado. Éramos felizes e em nossa tranquilidade eu me percebia crescer um adulto tão justo, responsável e cuidadoso quanto ele. Numa noite, ouvimos no rádio uma notícia em edição extraordinária; centenas de marcianos haviam pousado em uma cidade dos Estados Unidos, estavam invadindo a Terra e era questão de tempo até chegarem a nossa cidade. Meu pobre pai não aguentou mais essa emoção em sua vida, teve um infarto e entrou em coma antes do final da transmissão, que, descobri mais tarde, fora refeita depois de um sucesso em 1938. Meu mundo caiu. Passei tempos de minha triste vida tentando encontrar os

malditos marcianos para provar que sua doença não havia sido em vão, deixando o pai e as terras sob cuidados de pessoas especializadas.

Foi quando, no dia do 430º aniversário da cidade de São Paulo, do 50º aniversário da Universidade de São Paulo, meu pai despertou de seu sono profundo. Os médicos foram categóricos em afirmar que ele não sobreviveria a um novo infarto, assim, eu precisava cuidar que ele não se alterasse. Jamais poderíamos deixá-lo perceber quanto o mundo havia mudado, então telefonei ao meu amigo de escola e jornalista Marcos, para que suavizasse as notícias que eu escutara falar sobre o clamor público contra o regime. “Marcos, meu caro, não precisa mentir nem nada, só mandar falar rapidinho sobre o comício e as 300 mil pessoas que estão pedindo eleições diretas. Diga que é uma festa, afinal, ouvi que artistas tocarão, gente farreando, dá pra passar.” Lembrei-lhe da relação de seu Justiniano e seu Procópio com a empresa, de quantos momentos difíceis haviam passado juntos e Marcos, um bom entendedor, ajudou com a reportagem.

Depois do veredito, precisamos organizar a casa para que ele não desconfiasse de nada. Continuávamos seguindo o toque de recolher e, como não era possível contar com meu amigo Marcos para o resto da vida, paguei alguns atores para simular programas televisivos pró-regime militar, tal qual aconteciam antes de seu infarto. Aqui faço um agradecimento especial à ajuda incomensurável de tio Procópio de Cesareia, que organizou os roteiros e registrou todo o nosso esforço como o bom historiador da família.

O episódio mais tenso desses anos de dedicação e cuidado foi quando meu adorado pai, da janela de sua casa, viu um dirigível passando com os seguintes dizeres: “Ninguém pode parar o Saddam!”. Era 2003 e estávamos em fervorosa com a nossa habilidade de contornar as questões de seu Justiniano, tínhamos todos os jeitinhos e contatos necessários. Enviamos um memorando à assessoria do Bush, informando a localização exata das armas químicas. “Elas estão na região ao redor de Tikrit (norte do Iraque) e em Bagdá, e ao leste, oeste, sul e norte de certa forma”(*). Juntando a fome com a vontade de comer, autorizaram a entrada dos militares americanos no Iraque; isso eu pude contar com cautela a meu pai, que comemorou essa vitória pelos 16 anos restantes de sua vida e de duração da guerra.

Enfim, hoje posso dizer que meu adorado pai descansa tranquilo, fazendo sua passagem de velhice. Depois de uma vida de agitações, foi viver em Alfa Centauri com os reptilianos e aguarda carinhosamente a minha chegada.

Mainá (Cohen) Santana é contadora de histórias desde tenra infância, graduada em distopias e especialista em distorcer fatos da realidade.



Foto: Olga Vlahou

Referências

Artigo da Fundação Getúlio Vargas sobre o Plano Cohen e o Estado Novo. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo/PlanoCohen>. Acesso em: 28 mar. 2019.

Filmes: *Adeus, Lênin!* (2003) e *Maria Antonieta* (2017).

Guerra do Iraque: (*)[sic] Donald Rumsfeld, secretário de Defesa, em entrevista à emissora ABC em março de 2003. Citado por BBC News | Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43479249>. Acesso em: 28 mar. 2019.

Imperador Bizantino Justiniano e seu historiador Procópio de Cesareia, artigo da Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/35120/18454>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Livro *História Secreta*, escrito por Procópio de Cesareia (versão em espanhol): <https://pt.scribd.com/document/366922005/Procopio-de-Cesarea-Historia-Secreta-pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Movimento “Diretas Já” noticiado pelo *Jornal Nacional* na Rede Globo em 25/01/1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3syHGJXG4>. Acesso em: 5 abr. 2019.

Pedido de desculpas e explicações da Rede Globo sobre a notícia do *Jornal Nacional* de 25/01/1984. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/erros/diretas-ja.htm>. Acesso em: 5 abr. 2019.

Sobre as Bruxas de Salém da década de 1960. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foram-e-como-morreram-as-bruxas-de-salem/>. Acesso em: 21 jan. 2019.

Pós-mentira

Juliano Caravela



pós-verdade
fake news
mentira
redes
sociais

Repletas de *fake news*, as redes sociais criam um novo desafio para as relações humanas. É preciso combatê-la por meio da reflexão e do bom senso, já que os prejuízos causados por ela, quase sempre, são irreparáveis.

De longe a gente se vê
os dedos mal tocam um olhar
os medos e anseios
e a boca que fala
agora alguém quer calar

Em tempos de cólera
não se ri nem de cócegas
e damos as costas
pra povo que gosta de desgostar

De perto o preço é maior
o hálito é luxo e poder
e os fracos que dançam
na lâmina fina e nasceram
pra se foder

Em tempos de cólera
não se ri nem de cócegas
e damos as costas
pra povo que gosta de desgostar

Enquanto se refratam os retratos
mas os fatos não estão lá
a crua verdade
é uma mentira
que um dia se engana

E há aqueles que nunca têm vez
e esse nunca não é ficção
é o espelho da rua
que dispara o tiro a quem
corre na contramão

O poema acima é, na verdade, a letra de uma música que compus dias após o resultado das eleições de 2018 e chama-se “Pós-mentira”. Um simples jogo de palavras em provocação ao desgastado, mas atual e nocivo termo *pós-verdade*, eleita a palavra do ano em 2016 pelo dicionário Oxford.

Essa expressão define um cenário ainda vigente, de vultosa distorção deliberada da realidade, permeado por notícias falsas espalhadas como vírus e que atingem, principalmente, *faces* e *zaps* presentes nas telas das

próteses digitais que todos carregamos nas mãos e dedos. Mãos e dedos estes muito aquém de qualquer “anel de Zapata”, tal como eternizado por Milton Nascimento na canção “Tudo que Você Podia Ser”.

Em termos gerais, a *pós-verdade* consiste em manipular emoções, crenças e ideais, e faz isso pela ocultação ou desvirtuamento de fatos, com o intuito específico de influenciar o comportamento das pessoas e, principalmente, a opinião pública em determinada direção de caráter moral, política, econômica, religiosa, ambiental, científica, dentre outras. Desse

modo, pode-se dizer que a *fake news* é filha primogênita da *pós-verdade* e, quem sabe, vice-versa também!

Fake news já é por si só uma expressão falaciosa, envenenada pela própria mentira que carrega e propaga. A começar pela termo e uso da palavra: *fake news*! Por que não “notícia falsa” ou simplesmente “boato” em vez de *fake news*? Aqui não se trata de puritanismo linguístico, mas de uma crítica perante o *modus operandi* próprio de um povo ameríndio, mas de uma cultura sequestrada e colonizada incessantemente por eras. Oswald de Andrade se contorceria todo ao escutar berrarmos aos quatro cantos *fake news* diante dos meios e informações que tanto nos afetam e nos pautam enquanto povo, história e cultura, pois veria enterrada a sua máxima antropofágica “Tupi or not Tupi, that’s the question”.

A maioria dos brasileiros, em razão de histórica defasagem educacional, não sabe sequer o significado de “news”, muito menos de “fake”, mas mesmo assim dizem! Com relação ao termo *boato*, seu significado é automático — a palavra carrega a sua intenção cultural, a comunicação é na linha direta do popular, vai ao ponto, ao “papo que é reto» e deixa claro o recado. Mas não, dizer *fake news* é hegemônico, e

assim como em outras muitas situações, continuamos

a nos arrastar e deixar escorrer pelo

ralo da história toneladas

de um arcabouço

identitário histó-

rico-cultural que

se perde a cada

passo, a cada golpe

colonizador, diante de

tantos autorretratos falsos

de um país, fotografado ao es-

tilo “bastão de *selfie*”.

Você pode até argumentar e defender esse estrangeirismo da língua em nome de um processo natural ou tecnológico de “globalização”, mas globalização

para quem? Um “mundo sem fronteiras” para quem? Será que essas expressões também não fazem parte do projeto pós-verdade? De criar uma narrativa utópica, de uma qualidade de vida elitizada em detrimento de uma vida de qualidade justa e mais igualitária? Se repousarmos um pouco nessas questões, talvez cheguemos à conclusão de que o argumento da globalização pode muito bem ser e embriagar-se dos meandros da pós-verdade também.

Desse modo, as *notícias falsas* ou *boatos* são ao mesmo tempo causa e efeito de si mesmas, instrumentam e “embasam” a pós-verdade à medida que são geradas por esta, uma é efeito colateral da outra, e isso se dá porque a mentira funciona em processos cíclicos, em cascata e muitas vezes caóticos: uma mentira gera outra, que gera outra e que gera outra, e isso, obviamente, não é diferente em relação às “notícias falsas”.

O etólogo Richard Dawkins já alertava em sua obra *O gene egoísta*, de 1976, que toda informação midiática possui um código genético, uma unidade informacional altamente contagiosa e, coincidentemente, o denominou “meme”, só que isso em 1976. Ressalta o autor que cabe unicamente a quem o recebe (“o código meme”): filtrar, analisar, in-

vestigar, para então ser tomada a decisão de poda ou de semeadura dessa mensagem/informação. Somos e devemos ser o filtro que prolifera, mas que também que esteriliza. A responsabilidade está em nós e à medida que nos tornamos meros hospedeiros de qualquer informação.

Há um ditado popular que diz que “o peixe morre pela boca e o homem morre pela língua”, mas toda mentira nasce pela boca, pelo sopro, pela palavra enquanto respiração e significado, ainda que somente pensada, ou pior, virtualizada.

Além disso, a mentira, para sobreviver, precisa ser recontada inúmeras vezes, algo que é preciso fomentar continuamente.

Caso contrário, se desfaz como castelo de areia. Nesse sentido, um importan-



te atributo da mentira é a memória. Para se manter, a memória do mentiroso deve ser maior que o comum, caso contrário, há o risco de esquecê-la, o risco de se contradizer, o risco de ser pego pela própria palavra, pois não há substância em não fatos, eles se fazem à medida que se proliferam. Sempre que refutada, contraposta ou questionada, a mentira recorrerá a outra geração de mentiras e mais outra infinitamente. Já um fato verdadeiro, um *não boato*, pode ter a capacidade de se sustentar sozinho, sobre seus próprios pés, por si só, e talvez aí, quem sabe, a crua verdade brote de uma mentira que um dia se engane, tropece em si.

E depois, o que virá e será do após *pós-verdade*, do *pós-mentira*? Talvez essa pergunta aponte para o resgate de uma possível honestidade social ou não, só saberemos ao passo dos dias da nossa senda historial. No entanto, é fato que os escombros deixados pela pós-verdade já se fazem bem visíveis.

Para finalizar esta breve reflexão em forma de provocação, deixo aqui algumas poucas frases de personalidades famosas e históricas sobre a mentira, e escritas muito antes de a *fake news* ser uma gíria popular:

- *Jamais diga uma mentira que não possa provar.* (Millôr Fernandes)
- *Uma mentira dá uma volta inteira ao mundo antes mesmo de a verdade ter oportunidade de se vestir.* (Winston Churchill)

• *A História é um conjunto de mentiras sobre as quais se chegou a um acordo.* (Napoleão Bonaparte)

• *As pequenas mentiras fazem o grande mentiroso.* (William Shakespeare)

Até a próxima!

JULIANO CARAVELA é Poeta, compositor, professor, advogado pela PUC/SP e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Sua obra é uma degustação de poemas, melodias e insights da experiência cotidiana autobiográfica, com influências poéticas que vão do abstrato ao concreto haicaísta e musicais que vão da bossa nova ao pop brasileiro. Empreendedor nas áreas de Arte/Educação/Cultura, ministra palestras, workshops e vivências para empresas, escolas e grupos. Curador de eventos de arte e poética da Casa das Rosas e gestor do Espaço Cultural AveVenus, em São Paulo.

Obras: Livro: *Samadhi – Vértebras em que versos correm* (2016). Ed. Confraria do Vento. Disco: *Transeunte* (2018) – Álbum poético musical. (spotify/deezer/itunes) Clipes e vídeos: [YOUTUBE/JULIANO CARAVELA](https://www.youtube.com/channel/UCjULI0C8v8v8v8v8v8v8v8v8) | contato: julianocaravela@gmail.com | [@espacoavevenus](https://www.facebook.com/espacoavevenus) | [@juliano_caravela](https://www.instagram.com/juliano_caravela) (instagram)

Pelos caminhos da literatura



Em entrevista para a revista digital INSPIRE-C, Milton Hatoum falou do seu último livro, *A noite da espera*, primeiro volume de uma trilogia intitulada *Um lugar sombrio*. Também conversamos um pouco sobre literatura e sobre o Brasil atual.

Realizada em 03/04/2019

Entrevistador: Ronaldo Campos

Fotos: Olga Vlahou

INSPIRE-C: Do que se trata o seu último livro, *A noite da espera*?

Milton: Esse romance é o primeiro volume de uma trilogia que se chama *Um lugar sombrio*. Levei aproximadamente dez anos para escrever os três volumes e agora estou revisando o segundo, que talvez saia entre setembro e outubro.

A noite da espera é um romance de formação de jovens que vivem em Brasília, onde morei entre 1968 e 1970. É de formação porque fala um pouco da formação moral, sentimental e política do grupo de personagens. Ele é ambientado em Brasília numa época muito difícil, num período de repressão, em plena ditadura militar, como o AI5, por exemplo, em dezembro de 1968.

No fundo é um romance que fala da experiência de cada um. Ele é composto de diários, fragmentos de diários e cartas. Não é um romance político. Ele fala de política, é claro, mas no centro da vida do personagem principal, Martim, há uma angústia moral que é o desaparecimento da mãe dele. Esse é o norte do romance, que tem algum parentesco com outro romance que publiquei em 2005, *O cinza do norte*.

INSPIRE-C: Existe uma música jamaicana com o seguinte refrão: “Seu corpo é seu templo”. Eu diria que sua mente é seu templo e não temos como escapar dela. Você acredita que o seu trabalho é projetar, assim como fazem os arquitetos, uma “habitação mental” para que as pessoas possam viver melhor?

Milton: A literatura não edifica porque ela não é um relato de autoajuda, uma receita de bem viver. A literatura problematiza as relações humanas. Ela trabalha e opera com conflitos e dramas humanos. Ela também depende muito da experiência do próprio autor e do narrador. Então, nesse sentido, quando você lê um livro, um bom livro, um clássico, por exemplo, você entende os dramas morais, os conflitos sociais, o sentido da história. Enfim, toda uma dimensão simbólica e histórica que está presente nos bons romances. Isso faz com que a literatura seja também uma forma de conhecimento, conhecimento do leitor, de nós mesmos e do tempo que a gente vive.

Muitas vezes a literatura nos permite compreender uma outra cultura. Por exemplo, quando a gente lê um romance russo, do século XIX



Não há de um lado o bem e do outro o mal, eles fazem parte da natureza humana.

ou começo do século XX, a gente entende o funcionamento da sociedade, a disparidade social, a vida daquele momento na Rússia, a vida dos camponeses, dos cidadãos em São Petersburgo, em Moscou; o mesmo acontece com o romance francês, o italiano ou o oriental. Então, a leitura social de um romance é importante e ao lado dessa leitura há também, e não menos importante, a leitura simbólica e a linguagem. Lembrando que é a linguagem que define um bom livro.

INSPIRE-C: Uma vez, Guimarães Rosa escreveu a seguinte frase: “Existe é homem humano”. Antônio Cândido diz: “A literatura não corrompe nem edifica, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. Você acha que a literatura dá conta da existência e consegue humanizar as pessoas?

Milton: Antônio Cândido, como sempre certo, quando diz que a literatura humaniza profundamente, quer dizer que o bem e o mal às vezes estão juntos. Não há de um lado o bem e do outro o mal, eles fazem parte da natureza humana. A literatura explora essa dualidade e esse convívio tenso entre o bem e o mal. Por exemplo, em *Grande sertão: veredas* há um embate entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo, entre o lado bom do ser humano e o lado terrível, diabólico, destruidor, na figura do personagem Hermógenes, que é a suprema encarnação do mal. Aliás, estamos vivendo numa época em que o mal parece imperar.

Então, a literatura problematiza tudo isso. Ela coloca em questão as nossas certezas e fala dessa dualidade de uma forma complexa e profunda. Por isso a literatura é essencial para a formação dos jovens, para a formação do leitor, ou seja, para formar a nossa humanidade, porque ela não dá respostas e não explica. Ela problematiza.

INSPIRE-C: A literatura muda conforme muda a sociedade e os escritores acompanham essas mudanças. Mesmo assim, independentemente das mudanças, os escritores sempre têm um objetivo e intenções ao escrever um texto, assim como os leitores também têm seus próprios interesses ao ler um livro, que pode ser, por exemplo, por puro entretenimento, aperfeiçoamento ou aprendizado, ou como meio de análise e de crítica em relação à sociedade e à vida. Como você define a sua literatura?

Milton: Os livros que escrevi dependem muito da minha experiência de vida, das minhas leituras, da minha observação e do tempo que vivi. Por exemplo, todos os meus romances, *A noite da espera*, *Dois irmãos*, *O cinza do norte*, *Relato de um certo Oriente*, tem a ver com a minha vida. Porém, a partir do momento em que você escreve sobre a sua vida, ou retalhos ou passagens dela, elas já não fazem mais parte da vida do autor. A vida passa a ser transcendental, torna-se uma ficção.

Muita coisa da minha vida foi transfigurada, foi inventada, e o romance, de um modo geral, trabalha com a memória. Ele depende muito

da memória do autor ou da autora. No meu caso, falo muito de Manaus, e de certo modo, da Amazônia. Das cidades por onde passei, das cidades onde vivi, como São Paulo e Brasília, que estão presentes no romance *Dois irmãos*. Acho que o desafio está em transformar toda experiência em linguagem, mesmo porque a literatura não é um retrato da vida, ela não copia a vida como queriam alguns escritores do naturalismo do século XIX. Ela é uma transcendência da vida.

INSPIRE-C: Se Aluísio Azevedo estivesse vivo, como você acha que ele escreveria *O cortiço* de hoje no Brasil?

Milton: *O cortiço* do Aluísio Azevedo é um dos grandes romances do naturalismo. Seria difícil escrever *O cortiço* hoje. O Brasil se tornou um país muito mais complexo. Os cortiços estão aí, nas grandes cidades, nas metrópoles, e hoje acho que seria um romance tão triste quanto o que ele escreveu, só que, talvez, com maior complexidade e com uma linguagem bastante diferente. Desde Flaubert houve uma grande mudança na maneira de escrever. A forma passa a ser muito importante e não mais apenas o conteúdo. Então, *O cortiço* de Aluísio Azevedo teria de

entrevista

Muita coisa da minha vida foi transfigurada, foi inventada, e o romance, de um modo geral, trabalha com a memória.

passar por outra experiência formal. A descrição de lugares, ambientes, paisagens, de um quarto, de uma casa ou de um cortiço não pode mais ser exaustiva.

O cinema contribuiu para isso, assim como a televisão. Os escritores de hoje são muito mais concisos. A descrição é muito mais sintética e só faz sentido quando faz parte de um drama da personagem. Não há ou não deveria haver mais descrições gratuitas — apenas como ornamentação. Isso já não cabe mais na literatura moderna.

INSPIRE-C: Uma vez Carlos Fuentes, escritor mexicano, disse: “Pobre México, tão perto dos Estados Unidos e tão

longe dele”. Você diria que estamos tão perto do que e tão longe de quem ou do quê?

Milton: Fuentes fala do México e sua proximidade dos Estados Unidos, que ao mesmo tempo é um problema, como, por exemplo, a questão dos imigrantes mexicanos. A economia americana seria prejudicada sem a presença dos imigrantes. Não apenas mexicanos, mas toda economia contemporânea de um país desenvolvido depende da força de trabalho dos imigrantes e acho que o Brasil, de certo modo, está de costas para a América Latina. Nós dependemos deles, como eles dependem de nós, principalmente num mundo globalizado, mas sinto falta de uma proximidade cultural maior, por exemplo, não só com os nossos vizinhos de fronteiras, mas com nossos vizinhos mais distantes, como é o caso do próprio México e dos países da América Central.

Infelizmente não há esse diálogo fértil e profundo com os países hispano-americanos, e isso é um erro, porque temos histórias mais ou menos comuns. Apesar de falarmos outra língua, o processo histórico de colonização não foi muito diferente entre o Brasil e os outros países latino-americanos. De modo que teríamos muitas coisas para aprender com eles e vice-versa.



Mesmo a literatura hispano-americana é pouco lida no Brasil, com exceção do García Márquez e talvez um pouco do Vargas Llosa. Acho que um livro como o *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo, que é um clássico, um dos grandes livros do continente, deveria ser mais lido pelos jovens. Assim como obras de Juan Carlos Onetti e de tantos outros escritores hispano-americanos.

INSPIRE-C: O que te inspira?

Milton: O que mais me inspira para viver são o afeto e as relações amorosas num sentido muito amplo. Não o amor piegas, sentimental, mas uma relação profunda com os seres. Eu sinto isso, não apenas no amor erótico ou carnal ou sensual, mas também numa espécie de relação compassiva com aqueles que sofrem. Não podemos esquecer que no Brasil há milhões de pessoas muito pobres que sofrem, de crianças que são muito pobres, de mães da periferia que sofrem. Porque há um mito de que o escritor sofre. Não! Nós sofreremos como qualquer pessoa, mas o grande sofrimento físico, o grande drama moral existe sobretudo nas mães da periferia que às vezes não têm creches, moram sozinhas, criam os filhos sozinhas. Isso é uma monstruosidade.

entrevista



Já para a literatura, é a própria vida que me inspira, os livros que eu li e as relações que tenho com as pessoas. O escritor se escreve sozinho, assim como o leitor lê na solidão, e o que move o leitor e o escritor, nessa viagem da literatura pela imaginação, é a solidão. Não consigo ler com muita gente ao meu lado, com barulho, porque a leitura das artes é a que mais exige concentração e um compromisso com as palavras, com a linguagem. Mas, ao mesmo tempo, não vivo encastelado. Participo da vida social, dou palestras para jovens ou aulas como professor.

Sobretudo neste momento tão difícil da vida brasileira é preciso falar certas coisas e é preciso também formar leitores, porque um país sem leitores, um país inculto torna-se mais perigoso. As mentiras, as inverdades, as manipulações são tantas que a gente deve estimular a leitura nos jovens, formar esses leitores com humildade, porque também aprendemos com eles.

INSPIRE-C: Agradeço muito a sua entrevista e obrigado por nos receber.

Pedras, pólvora e acendedores automáticos

Gabriela Scardone

análise do discurso
vontade de verdade
fake news
alteridade

Um panorama filosófico sobre o discurso e a vontade de verdade diante dos acontecimentos políticos e a sua relação com a logofobia, visto que o outro é aquele que nos aponta as diferenças, o vazio e as incertezas, exatamente na contramão do próprio fazer reflexivo, nos tornando sujeitos cada vez mais ensimesmados.

Imagine uma fogueira, o primeiro clarão feito por um ser humano na história da humanidade. Agora imagine outros seres humanos se aproximando dessa fogueira, cada um, um universo inteiro. Um “Eu” absolutamente completo em si mesmo, até que o “Outro” apresentasse a primeira diferença, e depois o outro, e mais outro. Uma diferença que se por um lado nos delimita, nos identifica, e nos torna únicos, por outro nos aponta o vazio.

Porque há algo no olhar do outro que atravessa o meu olhar sobre mim, agora esse “eu” não é mais completo nele mesmo, agora esse “eu” precisa da diferença que só o outro pode lhe conferir, sobretudo na qualidade daquilo que nos é comum, de um “nós” que passa a ser entendido em comunidade, a partir de um sentimento “oceânico”, talvez o primeiro vínculo do ser humano com o mundo, como diria Freud em *Mal-estar na civilização* (1930).

Essa questão tem um fundamento ético, pois se volta para o que os filósofos antigos chamariam de o “bem supremo,” inquestionável, pois justifica a nossa existência dentro de uma civilização. Na modernidade, o sentido da vida não é dado por nenhuma verdade transcendental que preceda a existência individual. Lévi-Strauss, em seu texto sobre “A efi-

cácia simbólica” (1942), aponta para a nossa necessidade de criação de um sentido para a existência humana e de como isso não pode ser um ato individual.

Temos, portanto, um empobrecimento gradativo de razões filosóficas em profunda conexão com esse sentimento. Entramos para a modernidade servindo docilmente às razões do mercado, sem que haja uma forma de gozo nesse modo de vida, se não pelo que há de mais superficial, aparente e trivial. Dentro dessa estrutura simbólica, temos o mercado como o bem supremo, o dinheiro como um deus, e o individualismo como o *modus operandi*. São estruturas de poder em jogo, de um jogo já estava em curso quando chegamos, ou ainda como “reprodução das relações de produção”, como diria Louis Althusser em *Aparelhos ideológicos de Estado* (1970), na linguagem tópica de infraestrutura e superestrutura.

Diante ainda dessa naturalização, seguimos alienados dos mecanismos de manutenção e controle de poder, como os procedimentos de exclusão. E diria Foucault em *A ordem do discurso* (1970): “O discurso está longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica”. E ainda que fosse arri-



Não nos resta outra pretensão senão questionar essa vontade de verdade, entender o discurso como um acontecimento e desconfiar da soberania do significante.

cado considerar a oposição do verdadeiro e do falso como um sistema de exclusão, como ele diz, essa discussão nunca se fez tão necessária em nossa sociedade, sobretudo com os últimos acontecimentos políticos que tiveram como arma de disputa as *fake news*, na recente corrida presidencial tanto no Brasil como nos Estados Unidos.

Houve, na Grécia antiga, uma separação historicamente constituída sobre o discurso verdadeiro, a procura do conceito absoluto de cada coisa fora posta em xeque depois dos filósofos sofistas, uma vez que o sentido exato e unívoco da realidade não existe, se não quem diz, quando diz, como diz, onde diz e por que diz o que quer dizer. Cada qual com suas razões ou ainda fora delas, como diria Sigmund Freud, e que Foucault, não à toa, o revisita quanto entende que “a verdade” não existe, se não a vontade dela manifestada por meio das estruturas mesmas da língua postas em jogo e produzindo um efeito de sentido. Não nos resta outra pretensão senão questionar essa vontade de verdade, entender o discurso como um acontecimento e desconfiar da soberania do significante.



Marilena Chauí, em *Convite à filosofia* (1994), tece algumas reflexões sobre a ignorância e a verdade, sobre a incerteza e a ignorância, no caso, que a incerteza é diferente da ignorância porque é na incerteza que nos descobrimos ignorantes, visto que nossas crenças e opiniões não dão conta da realidade, pois sempre haverá alguma falha naquilo em que acreditamos e que nos serve como referência, tanto para pensar como para agir. Portanto, o espanto e a admiração, assim como a dúvida e a perplexidade, nos fazem querer saber o que não sabíamos, nos fazem querer sair do estado de insegurança ou de encantamento, nos fazem perceber a nossa ignorância e o desejo de superar a incerteza, e chegar ao desejo de conhecimento intelectual e da ação transformadora que este possui junto à sensibilidade.

E novamente nos flagramos diante da fogueira, olhando fixamente para ela: O que estaríamos a afirmar se não o que desejamos com isso? E, sobretudo, existe o outro nessa roda? ■

Gabriela Scardone

Entre o sensível e o inteligível do ser humano, mas sobretudo sobre o entre. Atualmente trabalha com educação em espaços expositivos de arte. É Analista do Discurso formada em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, e estudante de Psicanálise. Ama os seus gatos — aliás, os três!



Dia 2 de Abril - Dia Mundial da Conscientização do Autismo

Fernanda Teixeira e Renata Lobo Catusso

Dia Mundial do Autismo Acesa Autismo

Dia 02 de abril é o dia Mundial do Autismo. Com muito amor e respeito os profissionais e voluntários da Acesa Capuava acolhem pessoas que precisam de auxílio.

Este artigo conta um pouco do trabalho realizado pelos profissionais e voluntários da Acesa e lembra da importância da conscientização da data.

Quando deparamos com uma multidão vestida de azul em homenagem a este dia e com os principais monumentos de diversas cidades do mundo iluminados de azul, como a Torre Eiffel, a Ópera de Sydney, a Torre de Pisa, o Empire State Building, o Castelo da Disney, o Cristo Redentor, entre muitos outros, percebemos que o mundo inteiro está chamando nossa atenção para essas pessoas com autismo.

Um pedido de atenção para todos nós nos conscientizarmos, aprendermos, entendê-los melhor e abraçarmos essa causa!

Para tanto, devemos ir além do que a mídia nos informa e o senso comum generaliza, pois este assunto ainda é cercado de mitos, mistérios e complexidades. Se o autismo é simbolizado por um quebra-cabeça, como devemos encontrar os caminhos para resolvê-lo? Essa resposta é o que milhões de pessoas buscam dia após dia, uma batalha movida pelo amor e pela esperança.

Estamos todos unidos por essas pessoas, seus pais e mães, irmãos, avós e profissionais da saúde que procuram ajuda, respostas e um caminho para percorrer. Esses familiares precisam de suporte para não cair e enfim mostrar que desistir não é uma opção. Cada um de nós, que trabalhamos direta ou indiretamente com eles, temos uma enorme responsabilidade e o dever de construir este caminho! Lutando por

uma realidade repleta de novas ideias, novas pesquisas, novas leis, novas descobertas!

Podemos carregar dúvidas e curiosidades que são naturais, mas a falta de informação ainda pode gerar alguns preconceitos. O que devemos entender é que antes de julgá-los precisamos conhecê-los. Pois muitas portas se fecham para eles, quando na verdade deveriam se abrir.

Autismo é um transtorno global do desenvolvimento marcado por três características fundamentais:

- * Inabilidade para interagir socialmente.
- * Dificuldade no domínio da linguagem para comunicar-se ou lidar com jogos simbólicos.
- * Padrão de comportamento restritivo e repetitivo.

A melhor forma de compreender um pouco mais sobre este universo é por meio da convivência, de vê-los, ouvi-los e de coração aberto aprender lições extremamente valiosas.





O fato de muitas vezes não falarem ou terem dificuldades na fala pode criar abismos para a comunicação, porém são diversas as formas de entendê-los.

A troca de ensinamentos e aprendizados é mútua, em meio a dificuldades e grandes conquistas. O tempo se encarrega de quebrar barreiras e desvendar seus mitos.

Ao falar de autismo, tendem a sobressair as características mais conhecidas, mas quando tratamos de uma pessoa, observamos que nenhuma é igual à outra.

Por trás dos olhos que não olham nos seus existem pessoas com características, personalidades e interesses individuais ou, quem sabe, únicos. Cada qual com seu jeito especial de nos cativar, nos demonstra que, conhecendo cada um, podemos encontrar diversas formas de acessá-los.

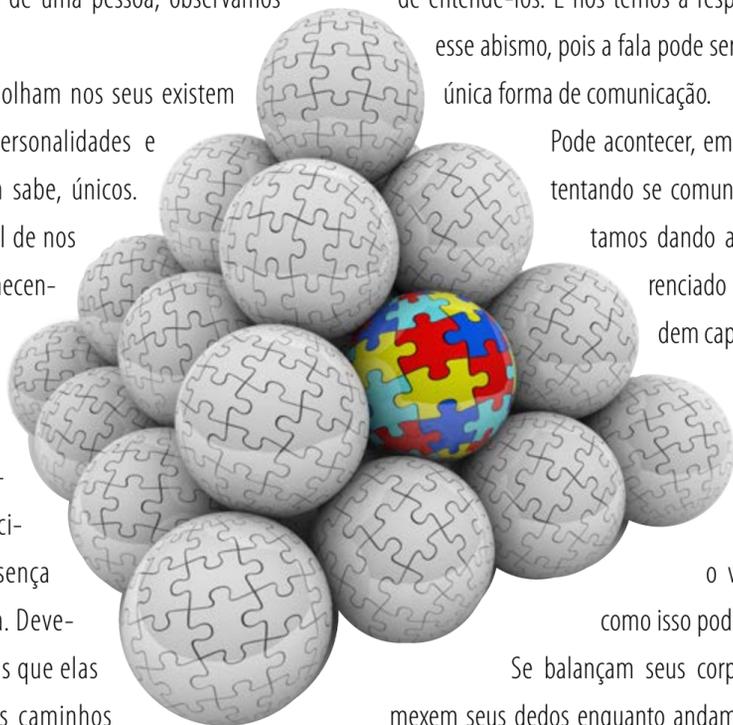
Por trás daquele que aparentemente prefere ficar sozinho, existe uma pessoa que precisa de você, que aprecia sua presença e que gosta de se sentir querida. Devemos demonstrar a essas pessoas que elas não estão sozinhas, mostrar os caminhos

para compreender melhor nossas regras sociais e culturais, que não são tão óbvias como imaginamos.

O fato de muitas vezes não falarem ou terem dificuldades na fala pode criar abismos para a comunicação, porém são diversas as formas de entendê-los. E nós temos a responsabilidade maior de atravessar esse abismo, pois a fala pode ser a forma mais usada, mas não é a única forma de comunicação.

Pode acontecer, em muitos casos, de eles já estarem tentando se comunicar e nós simplesmente não estamos dando a devida atenção. Um olhar diferenciado e um escutar mais atencioso podem captar mensagens em uma expressão facial, em uma fala aparentemente descontextualizada, em um gesto ou mesmo um comportamento. É quando ensinamos o valor de serem compreendidos e como isso pode mudar suas vidas.

Se balançam seus corpos enquanto estão sentados, se mexem seus dedos enquanto andam, se gostam de girar seus corpos



mos juntos! Juntos vamos lutar e comemorar com cada passo que seu filho der, com cada pequena conquista que ele realizar. Com um olhar de paciência, carinho, respeito, dedicação e muito amor. Nosso olhar é direcionado a todo o potencial que está dentro de cada um.

Hoje é um dia para nos conscientizarmos de que devemos abraçar esta causa — pelas pessoas com autismo, por essas famílias que já estão acolhidas, mas principalmente por aquelas que não estão. Vamos buscar abrir um maravilhoso caminho para todos eles. E devemos ressaltar a importância de descobrir se a criança tem autismo quanto antes, pois pode ser um diferencial em sua evolução.

Finalizamos deixando os parabéns para TODOS que abraçam e lutam por esta causa! Aos que dão suporte às famílias e respeitam o diferente de coração aberto! E principalmente parabéns aos familiares e profissionais que convivem diariamente com essas criaturas especiais! ■



Fernanda Teixeira, Presidenta da Acesa Capuava
Renata Lobo Catusso, Psicóloga e Coordenadora Técnica da Acesa Capuava



A arte e o trabalhador

São Paulo é uma imensidão. Ao prezar pela nossa rotina, muito da cidade nos escapa e locais, espetáculos, livros, conversas, curiosidades e filmes podem trazer experiências novas e diferentes com o mundo. Aqui, nesse recanto, compartilharei com vocês um pouco daquilo que encontro pela cidade.

Nesta edição, compartilho algumas obras de arte que tem o **trabalho** como tema central. Escolhi fazer um passeio desprezioso pelos tempos e pelo espaço dessa terra, com algumas informações históricas das diversas manifestações artísticas, com informações e curiosidades. Vamos juntos?

Mainá Santana, Sub-editora de Cultura

Sendo a arte reflexo das sociedades, seria natural que tivéssemos o trabalho como tema central de várias obras de arte ao longo dos anos. É fácil estruturar esse raciocínio tendo em vista que parte da população brasileira passa cerca de 30% do seu dia, considerando uma jornada de 8 horas, trabalhando. E quando começam a existir manifestações artísticas que relatam a vida do trabalhador? Em momentos da história antiga temos mosaicos de trabalhadores do campo, da vida — por exemplo, em Roma, no final do século III. Podemos observar um desses registros feitos pelo pesquisador Luz Neira, em 2012, na região de Zaghoun, na Tunísia.



infelizmente muito destruído —, um operário a trabalhar rodeado pelas suas ferramentas e de um capitel, utensílios esses que se dispersam ao longo de todo o pavimento, um asakron óikos. No plano intermédio, vê-se, à esquerda, um ser alado que sustém parte de uma cartela circular onde se patenteava uma inscrição (conserva-se apenas um “s” final), um canteiro extrai pedra de uma pedreira e, no último nível, uma coluna é transportada num carro puxado por dois cavalos, decerto a caminho do porto ou da obra onde seria integrada num edifício, já finalizada ou pronta a receber acabamentos em estuque e a respectiva policromia” (Neira, 2012, p. 107-108).

“No Museu do Bardo patenteia-se, a título de exemplo complementar sobre a matéria que temos vindo a explanar, um grande fragmento de um mosaico de Oued Rmel, na região de Zaghoun, do qual subsistem três níveis de representação alusivos ao ofício de canteiro. No primeiro plano, visto de frente, o mestre escultor, tendo ao seu lado —

Uma curiosidade é que a confecção dos mosaicos configuravam uma proto-indústria, um início de comércio decorativo, que também documentava a vida no império. Ao contrário da figura grega do gênio, não conhecemos os nomes dos artesãos que os laboravam porque esse ofício (como todas as atividades realizadas com as mãos) era considerado vil, realizado por pessoas de baixas condições, escravos ou libertos; quem tinha algum *status* nessa hierarquia eram os donos de terras. Assim como

em outros períodos da arte, quem importava não eram os executores da obra e sim aquele que a encomendava. As poucas referências que temos são aos fabricantes; essas pessoas tinham um lugar similar ao que será a burguesia séculos à frente, como plebe urbana, dedicando-se também à manutenção e à salvaguarda do burgo.

No período medieval, as relações de trabalho eram outras. Eram tempos de suserania e vassalagem e este modo econômico previa a fidelidade absoluta do vassalo em troca de terras, castelos e um lugar social provido por seu suserano. A vida miserável dos vassalos foi retratada por meio de cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores da época, como podemos conferir nessa trova de **Afonso Mendes de Besteiros**, do século XIII:

Cantiga de Escárnio e Maldizer 79

*Já lhi nunca pediram
o castel'a Dom Foam;
ca nom tinha el de pam
senom quanto queria;
e foi-o vender de pam
com mínguas que havia.*

*Porque lh'ides [a]poer
culpa [por] nõ [nõ] teer?
Ca nom tinha que comer
senom quanto queria;
e foi-o entom vender
com mínguas que havia.*

*Travaram-lhi mui sem razom
a home de tal coraçom:
— Em fronteira de Leon
— diz — com quem-no terria?
E foi-o vender entom
com mínguas que havia.*

*Dizem que lh'a el mais val
esto que diz, ca nom al:
— Em cabo de Portugal —
— diz — com quem-no terria?
E vende[u]-o entom mal
com mínguas que havia*

Por mais complexo que seja entender a trova de Afonso, é possível compreender algumas coisas. A narrativa, em ordem cronológica, conta que Dom Foam não tem pão (ou o que comer) e precisou vender o castelo; a sensação do “então”, repetido tantas vezes, indica uma relação de causa e efeito por toda a trova, que culmina na venda do castelo, aparentemente uma má venda.

O trabalhador também aparece em uma história interessante da música do período clássico. O compositor austríaco **Franz Joseph Haydn** (1732-1809), um dos ícones do classicismo vienense ao lado de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) e Ludwig van Beethoven (1770-1827), também mandou seu recado ao seu patrono, o príncipe Nikolaus Esterházy, da Hungria. Haydn compôs a sua *Abschieds-Symphonie* (nº 45, em fá sustenido menor), conhecida como *A Despedida* ou *Sinfonia do Adeus*, de 1772, de maneira que no último movimento os músicos deixassem o palco um a um, apagando suas velas e fechando seus libretos, até que sobrasse apenas Haydn e os dois últimos músicos, finalizando a sinfonia em surdina. Os músicos estavam há dias longe de suas famílias, no interior do que hoje é a Hungria, e o compositor foi o porta-voz da reclamação sobre as condições de trabalho. O recado foi tão bem dado que no dia seguinte todos estavam a caminho de suas casas. Sobre a música, eu jamais falaria tão bem quando Fernando Miguel Jalôto em 2017:

Várias das suas características surgem nesta sinfonia de Haydn: a opção por uma tonalidade rara no modo menor; temas angulares com saltos de grandes intervalos; acompanhamentos pulsantes e incessantes; abundância de sínkopas; contrastes di-

nâmicos extremos, com particular uso do sforzando; gestos melódicos arrebatados como escalas repentinas ou arpejos extensos; acentos e articulações inesperados (Jalôto, 2017).

Vale conferir a reprodução da cena e a sinfonia completa | [youtube.com/watch?v=OpD9ofCm6Ak](https://www.youtube.com/watch?v=OpD9ofCm6Ak)

Chegando ao Brasil, temos uma das mais importantes artistas de nosso modernismo. Ainda que tenha estudado arte em Paris, **Tarsila do Amaral** (1886-1973) dedicou-se a descobrir sua estética de maneira a refletir o Brasil rural e urbano em suas telas. Das sete fases da artista, a Social (1933) traz em primeiro plano as questões dos trabalhadores, como podemos observar em *Operários* (1933). Essa tela traz 51 trabalhadores de fábrica, curiosamente sem corpo, de diversas etnias e com feições tristes, cansadas e desesperançadas, muitos sobrepostos. Não há contato visual uns com os outros e, ao fundo, pela disposição piramidal crescente, podemos observar as chaminés das fábricas. É uma crítica transparente à situação vivida pelas pessoas daquela época (apesar de me lembrar bastante a transferência da linha verde para a linha amarela do metrô paulistano às 8h da manhã, uns por cima dos outros, caminhando no mesmo ritmo). Uma curiosidade é



OPERÁRIOS, 1933, óleo sobre tela, 150x205 cm, Tarsila do Amaral. Acervo Artístico-Cultural do Palácio do Governo do Estado de São Paulo. Foto do site da artista.

que figuras conhecidas do público, como Oswald de Andrade e a cantora Elsie Houston, aparecem na tela.

E se você quiser conferir essa e outras obras de Tarsila ao vivo, essa é a hora. Desde o dia 5/4 até o dia 28/7, o **Masp** expõe algumas obras da artista, com ingressos entre R\$ 20 e R\$ 40. E, sim, às **TERÇAS-FEIRAS a entrada é gratuita, mas você precisa reservar o ingresso antes pelo site**. Recomendação de educadora pra leitor: lembre-se de, antes de tirar as fotinhos (sem *flash*, por favor), observar as pinceladas, as cores, o brilho, o tamanho da obra a sua frente... Nesse mundo onde encontramos tudo na internet não é sempre que temos a oportunidade de realmente *ver* uma pintura, um desenho, um esboço... De fato, *o trabalho da artista!*

Fica o site pra você acessar | masp.org.br/exposicoes/tarsila-popular

Perto do ambiente empresarial, David Frankel (1971) dirige um filme que discute de maneira bem-humorada as relações de trabalho da jovem Andrea Sachs com sua chefe Miranda Priestly. **O diabo veste Prada** (2006), na realidade, é uma adaptação do **livro** homônimo de **Lauren Weisberger** (1977), baseado (supostamente) em sua própria relação de trabalho com Anna Wintour, uma das mais prestigiadas figuras do mercado editorial de moda dos Estados Unidos. Ainda que sejam *blockbuster* e *best-seller*, o filme e o livro, respectivamente, evidenciam as práticas antiéticas entre chefes e empregados no mundo corporativo. Com certeza muitos já passaram por situações de não reconhecimento no trabalho, competitividade acirrada por um modo determinado de direção, a angústia da demissão, entre outros. E sim, se o filme se passasse hoje teríamos Andrea cuidando das redes sociais da Miranda, salvando tuítes equivocados e Miranda se comunicando por meio do último iPhone lançado. Coisas que só 12 anos de diferença e muita tecnologia fazem por você.

Por mais pinturas de anjos, santos e reis que tenhamos visto ao longo da história da arte, é possível afirmar que as trabalhadoras e os trabalhadores transitavam pelas telas, músicas e letras dos artistas, com tons de denúncia, registro e, eventualmente, transgressão.

Indicações – Lista de Filmes



Foto: MoMa.org

Tempos Modernos | Charles Chaplin (1936)

O icônico Vagabundo está empregado em uma fábrica, onde as máquinas inevitável e completamente o dominam e vários percalços o levam para a prisão. Entre suas passagens pela cadeia, ele conhece e faz amizade com uma garota órfã. Ambos, juntos e separados, tentam lidar com as dificuldades da vida moderna, o Vagabundo trabalhando como garçom e, eventualmente, um artista.

Ladrões de Bicicleta | Luigi Bartolini (1948)

Desempregado, Antonio Ricci (Lamberto Maggiorani) está eufórico quando finalmente encontra trabalho colocando cartazes pela cidade de Roma, destruída pela guerra. Sua esposa Maria (Lianella Carell) vende os lençóis da família para resgatar a bicicleta de Antonio da loja de penhor, para que ele possa aceitar o trabalho. Porém, o desastre ataca quando a bicicleta de Antonio é roubada.

Wall Street – Poder e Cobiça | Oliver Stone (1987)

Em 1985, corretor de ações jovem e ambicioso consegue falar com investidor bilionário que idolatra e, graças a sua falta de escrúpulos, é contratado por ele. O rapaz enriquece, mas sua vida pessoal começa a ruir.

El Método | Marcelo Piñeyro (2005)

Sete executivos disputam uma única vaga em uma empresa em Madrid. O grupo é deixado em uma sala de testes e, sem saber que estão sendo observados, os candidatos são levados a situações que os colocam em um nível de tensão insuportável.

O Corte | Costa-Gavras (2005)

Após fusão, a empresa em que Bruno Davert trabalhava há 15 anos o demite. Desempregado por dois anos, Bruno perde a autoestima e a sanidade. Vendo que há muita competição, decide eliminar seus concorrentes, matando os mais qualificados do que ele.

Enron: Os Mais Espertos da Sala | Alex Gibney (2006)

O documentário conta a trajetória da extinta Enron, empresa do setor de energia que marcou a história dos negócios após ser envolvida em diversos casos de corrupção.

Sou Escrava | Gabriel Range (2010)

Aos 12 anos de idade, Malia é arrancada dos pais e vendida como escrava. Ela passa os próximos seis anos trabalhando para uma família sudanesa. Enviada para Londres, descobre que a brutalidade e a desumanidade continuam, agora sob outro teto.

Irmã Dulce | Vicente Amorim (2010)

A trajetória da beata indicada ao Nobel da Paz, Irmã Dulce, uma freira que dedicou sua vida a cuidar dos mais necessitados.

Tem Cândido Portinari, Sebastião Salgado, Vincent van Gogh no início de carreira... Espero ter atizado a sua curiosidade!

Você Sabia?

O Dia do Trabalho somente foi instaurado em 1889! Também chamado de Dia do Trabalhador, o 1º de maio foi instituído após uma manifestação de trabalhadores estadunidenses em 1886, em Chicago, que reivindicavam melhores condições, como a redução da carga horária de até 17 horas para 8 horas diárias. Foi organizada uma greve geral no país e houve tantos confrontos com policiais neste dia e nos seguintes que inúmeras pessoas ficaram feridas, inclusive letalmente. Esse evento ficou conhecido como Revolta de Haymarket^(*), em razão de uma bomba que explodiu matando e ferindo dezenas de pessoas. Na ocasião, diversos trabalhadores foram presos e quatro foram condenados à morte por conspiração sem evidências, sendo levados a enforcamento. Durante a realização do Congresso do Trabalhador Socialista em Paris, a Segunda Internacional Socialista decretou o Dia Internacional do Trabalho como forma de homenagear as pessoas que perderam suas vidas. Curiosamente, o *Labor Day* é comemorado nos Estados Unidos na primeira segunda-feira de setembro, pois o governo não queria fortalecer o caráter revolucionário da data, muito menos relembrar os acontecidos trágicos que a envolveram. Além disso, em 1º de maio de 1884, dois anos antes da tal greve, a Federação Organizada dos Sindicatos havia decidido entrar em greve caso a redução de carga semanal não acontecesse até 1886. Nos Estados Unidos, o dia 1º de maio marcava também o início do



Foto: history.com

Revolta de Haymarket



Foto: brasil.gov.br

Manifestação operária em 1919 no Rio de Janeiro
Foto: Reproduzida da Revista da Semana

ano contábil, ou seja, era também a data dos encerramentos de contrato, quando os trabalhadores precisavam procurar novos empregos. Alguns estados dos EUA já haviam decretado o *Labor Day* antes da greve geral, mas em diferentes momentos. A redução da carga de trabalho diária só chegou em 1890 àquele país.

No Brasil, a data passou a ser oficial apenas em 1925, apesar de existirem registros, segundo a historiadora Isabel Bilhão, afirmando a existência de manifestações de trabalhadores na data desde 1891. Inclusive, essas manifestações apoiavam a República, que fora instaurada em 15 de novembro de 1889. Aparentemente, a chegada dos europeus ao Brasil trouxe informações sobre leis trabalhistas e princípios organizacionais já implantados além-mar e fomentou alguns levantes. O 1º de maio como data comemorativa veio apenas na Era Vargas, quando o então presidente procurou controlar a massa de trabalhadores urbanos com medidas populistas. Felizmente, esse jogo resultou na Consolidação das Leis do Trabalho (a famosa CLT), que nos dá direito a 13º, férias remuneradas e jornada de trabalho de até 44 horas semanais. O decreto-lei que a organizava dessa maneira foi assinado em 1º de maio de 1943.

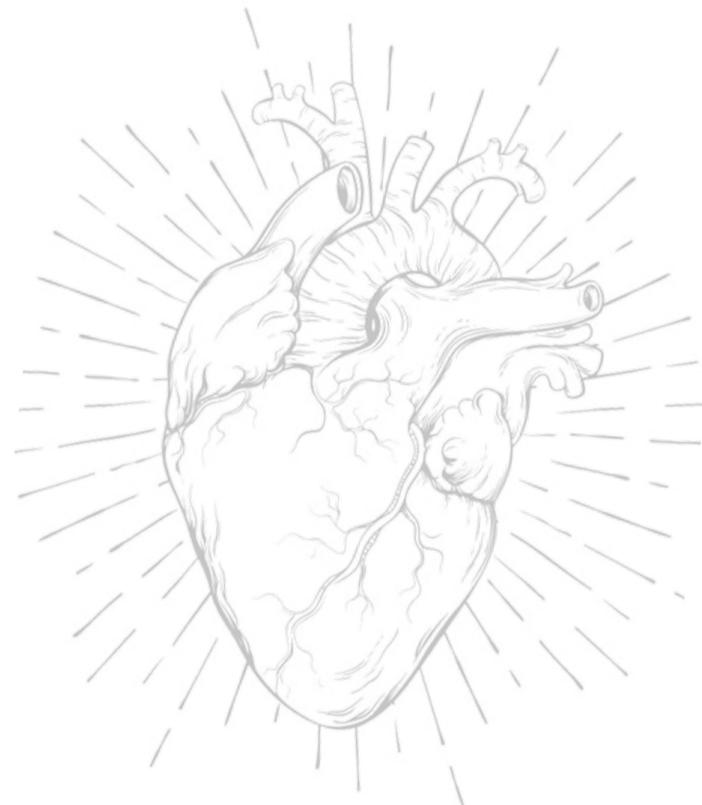
^(*) Haymarket refere-se à Haymarket Square, na cidade de Chicago, Illinois.

*Gosta de escrever poesia? E de dançar, atuar, pintar? A partir das próximas edições, esta seção será exclusiva para textos dos nossos leitores! Envie material com o seu nome (ou pseudônimo, fique à vontade!) para que a gente publique e compartilhe na revista e em nossas mídias sociais. Todos têm arte fruindo nas veias, que tal mostrá-la para o mundo? Estamos a um clique de distância :)

maina@inspirec.com.br

Juarez F. Dias Filho

O poeta é um bicho estranho
Ele é feito de coração
Disfarçado de corpo inteiro



@mainasantos

quero dizer, e vez por outra eu digo,
da realidade das pessoas
não em comparação,
porque cada um vive o seu real,
mas num ato de entrega violenta
a própria fragilidade humana,
àquilo descrito de nós mesmos,
tão imaculadamente desdém
num mundo onde aparecer importa mais que viver

procuro não me mascarar
se choro, sinto.
se grito, pulso.
se estou, aqui.
e há ocasiões em que, da água
batendo na bunda ou no umbigo,
a inteireza de minha pele é sinal de perigo

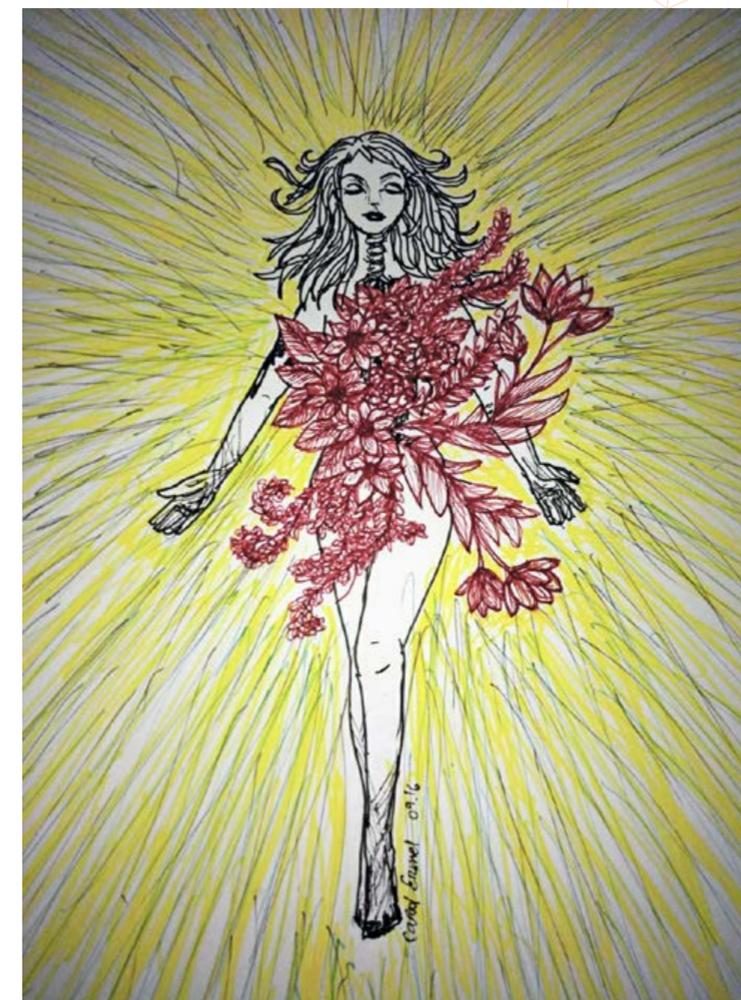
deixo ficar, vivo e aprendo a jogar
na realidade, minha e do outro,
da outra, das outras,
não há velocidade para tanto bem estar
não há tempo para máscaras de plenitude
branca, branda, pousando brilhante estelar

é preciso comer, viver, existir,
apesar

Descanso

Mainá Santana (@mainassantos)

Suas mãos enrugadas, meu rosto de criança
deixam a saudade apertar no peito
Sua voz, vó, fininha no ouvido,
desliga o aparelho pra ouvir apenas do desejo
E os olhos pequenos de criança não crescida
Cuidadora de uma família comprida
Que agora se despede
Quase sem respirar



Florescer (2016)

Ana Carolina Ermel (@anacarolermel)

hidrográfica sobre papel, 29,7 x 42 cm

INSPIRE-C))

www.revistainspirec.com.br
contato@revistainspirec.com.br
Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
São Paulo, SP – CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532

**Confira outros
vídeos desta edição
acessando o nosso
site:**

www.revistainspirec.com.br/videos

Realização:

espaçoética

Rua Maranhão, 620 – Cj.141 – Higienópolis
São Paulo, SP
CEP: 01240-000
Telefone: (11) 3661-7532



Iluminar vidas é a nossa missão

A ACESA CAPUAVA é uma associação sem fins lucrativos cujo objetivo principal é desenvolver as potencialidades humanas por meio do atendimento nas áreas de saúde, educação, assistência social e cultura, apoiando integralmente a inclusão de crianças, jovens e adultos com Transtorno do Espectro Autista, Deficiência Múltipla, Deficiência Intelectual e Surdez.

SEJA UM SÓCIO-CONTRIBUINTE

Você pode ajudar mensalmente a ACESA CAPUAVA. O valor da sua doação é livre e você doa o quanto puder. Ela pode ser feita por débito em conta, boleto bancário ou cartão de crédito. É muito simples e fácil.

Banco Bradesco: Agência 214
Conta 0073848-4
CNPJ 05.332.435/0001-57



www.acesacapuava.com.br | www.acesacapuavastore.org.br | [acesacapuava](https://www.facebook.com/acesacapuava)



**FAKE
NEWS**

**DOCT
FRACTION**